

AUMENTAM OS JUROS

(Nossa dívida, ontem, aumentou US\$ 500 milhões.)

— Esta não será uma boa notícia para nossos amigos da América Latina. Essa afirmação é do secretário do Tesouro dos EUA, Donald Regan, que comentou ontem a decisão dos grandes bancos norte-americanos de elevar meio ponto percentual a *prime rate* (a taxa de juro cobrada aos melhores clientes), que agora é de 12,5%. Segundo os especialistas internacionais, esse aumento, somado aos dois já efetivados esse ano, implica uma elevação de mais de cinco bilhões de dólares no serviço anual das dívidas externas dos países do Terceiro Mundo. Para o Brasil, esse meio ponto porcentual significa US\$ 500 milhões a mais de juros.

Embora essa taxa já tenha aumentado 1,5% desde março passado, nosso correspondente em Nova York, John Alius, lembra que alguns analistas financeiros já previram que a *prime rate* deverá aumentar ainda mais no decorrer dos próximos meses, a não ser que ocorra um resfriamento na recuperação econômica norte-americana.

O Chase Manhattan e o Manufacturers Hanover Trust em Nova York lideraram o aumento de ontem. Estes dois bancos foram rapidamente seguidos pelo Citibank de Nova York, pelo Chemical Bank e pelo Bank of New York, bem como pelo Continental Illinois, pelo Harris Bank of Chicago e pelo First Chicago, todos os três em Chicago. Acredita-se que outros bancos norte-americanos também deverão seguir esta tendência.

Os banqueiros disseram que o aumento da *prime rate* resultou de uma intensa demanda de dinheiro provocada pela recuperação econômica norte-americana, bem como pelo elevado déficit orçamentário dos Estados Unidos. Eles observaram que o produto nacional bruto norte-americano no primeiro trimestre aumentou num índice anual de 8,3%, e que as atuais previsões colocam o déficit orçamentário deste ano num nível astronômico de 180 bilhões de dólares.

Devedores

Embora tenha sido recebida com naturalidade nos meios financeiros, a elevação de ontem irritou muito os funcionários do governo Reagan, que criticaram severamente a Reserva Federal, acusando-a de ser responsável pelo aumento das taxas, na medida em que deixou de fornecer à economia a liquidez necessária para sustentar o crescimento. O profundo desagrado da Casa Branca decorre dos custos políticos dessa elevação, uma vez que o aumento do custo do crédito certamente irá influir negativamente na disposição dos norte-americanos em reeleger Reagan no final do ano.

O Fundo Monetário Internacional, por sua vez, divulgou ontem um documento onde critica a política econômica norte-americana, que estaria minando a recuperação econômica global e tornando muito mais difícil o pagamento dos débitos dos países fortemente endividados.

Em seu informe sobre a perspectiva econômica mundial, o organismo afirma que os maciços déficits orçamentários acumulados pelo governo Reagan fizeram subir a taxa de juros, provocando problemas econômicos.

— As taxas de juros maiores desbalan-

cearam o processo de recuperação ao inibir os investimentos e, ao mesmo tempo, complicar a tarefa dos países em desenvolvimento endividados, que precisam controlar sua situação financeira externa — advertiu o informe do FMI.

Novas idéias

Segundo nosso correspondente em Washington, A.M. Pimenta Neves, o chefe da assessoria econômica do presidente Ronald Reagan, Martin Feldstein, disse ontem que chegou o momento de se desenvolver uma solução a longo prazo para o financiamento dos déficits de conta corrente dos países endividados, em base individual.

Em vez de se renegociar a dívida a cada ano, afirmou, a renegociação deveria englobar diversos anos, com base nos déficits de conta corrente previstos ou nos superávits que são desejáveis para cada país. Isso não substituiria o ajustamento econômico interno necessário que esses países devem realizar.

Feldstein — que em muitos momentos tem sido uma voz isolada no governo — discursando perante o Conselho das Américas, disse também que, se as taxas de juros aumentarem mais dois pontos de porcentagem, os juros da dívida externa devem ser capitalizados total ou parcialmente.

Feldstein recomendou que os países em dificuldades de pagamentos desvalorizem suas moedas para estimular as exportações, extingam os subsídios às exportações, e subsidiem as importações de alimentos para suas populações.

Falando na mesma conferência, o secretário do Tesouro, Donald Regan, afirmou que não há solução simples ou única para o problema da dívida externa e que todo mundo tem de pensar muito, inclusive os cidadãos dos países atingidos. Regan disse que não é agradável ou fácil fazer o que o México e “o presidente Figueiredo estão fazendo” no sentido de ajustar suas economias.

Regan disse que a solução para o problema da dívida terá de vir da América Latina, mas que tem de ser sensata. “Soluções do tipo vamos esquecer a dívida não funcionarão”, afirmou.

O secretário do Tesouro afirmou que a idéia de se adotar uma taxa fixa de juros é atraente para alguns devedores, mas não para os credores. Como se sabe, a maior parte dos juros pagos pelas nações do Terceiro Mundo são variáveis. O aumento de meio por cento, ocorrido ontem, custará ao Brasil mais 360 milhões de dólares de serviço.

Um banqueiro presente à reunião revelou que o México já está renegociando a dívida dos próximos quatro anos, em conjunto, com os bancos privados.

Dólar

A elevação da *prime rate* provocou uma nova elevação do dólar nos mercados europeus de câmbio. E, segundo diversos analistas, a moeda norte-americana poderá voltar aos níveis recordes que atingiu em janeiro passado. Ontem, essa elevação fez com que a libra esterlina registrasse, em Londres, a mais baixa cotação de abertura da história.